

Vice, um drama dos candidatos

FOTOS: ARQUIVO



Bisol, Itamar e Waldir: candidatos a vice que pouco ajudam os cabeças de chapa

MARIA ROSA COSTA

— Se não ajudar, pelo menos que não atrapalhe. O requisito essencial defendido pelo deputado Fernando Lyra (PE) para quem como ele ocupa o cargo de vice na chapa dos candidatos à Presidência da República está sendo ignorado pela maioria de seus colegas.

Seis dos candidatos a vice que estão na disputa têm sido verdadeiros transtornos para os titulares. Três deles limitam-se a preencher o espaço na chapa, sem pesar a favor ou contra e apenas dois deles, Sérgio Arouca, vice do candidato do PCB, Roberto Freira, e o próprio Lyra têm conseguido manter um relacionamento equilibrado com o cabeça da chapa sem entrar em choque com as suas posições.

Conta-se no meio político que os adversários resolveram deixar em paz o candidato do PMDB, Ulysses Guimarães. Eles confiam que o vice, Waldir Pires, será insuperável na tarefa de impedir que a candidatura decole. Só em Goiás e Tocantins, em função do veto de Waldir aos ministros de Estado, Ulysses perderá cerca de um milhão e meio de votos dos eleitores fiéis a Iris Rezende, ministro da Agricultura. O deputado Milton Reis (MG) calcula em dois milhões o número de votos que os moderados do partido, também impedidos pelo vice Waldir, deixarão de levar para Ulysses.

Doutor Ulysses tem fugido de Waldir como o cão da cruz, revela um deputado fiel ao candidato. Na semana passada, por exemplo, Ulysses se encontrou com os economistas do partido no hotel Brasilton, em São Paulo, sem convidar Waldir Pires que se encontrava ali pertinho, a 200 metros, no hotel Ca' d'Ore.

O candidato do PDT, Leonel Brizola, admite hoje ter um bom motivo para agradecer a seu principal opositor, Fernando Collor. Graças à presteza do ex-governador de Alagoas, Brizola não pode concretizar a idéia de fazer do senador Itamar Franco o seu vice. Hoje, dois meses depois de entrar na sucessão, Itamar já renunciou três vezes ao cargo de vice, sempre em protesto pelo que julgar ser o seu afastamento da campanha. Mas que na verdade é apenas a fidelidade a seu estilo temperamental, que nada tem a ver com os políticos mineiros de antes.

Um assessor de Collor de Mello garante que o candidato deve agüentar no máximo mais duas renúncias, "depois ele estoura". E é isto o que tem levado a coordenação de campanha a pensar desde já em um estepe de vice.

CHIQUE, NÃO

As várias correntes do PT, por sua vez, já encontraram o que consideram ser um bom motivo para encerrar com o candidato a vice, senador Paulo Bisol (RS), que entrou na campanha justamente para impedir que as facções trabalhassem rachassem entre Fernando Gabeira (PV) e Antônio Houaiss (PSB). Pior do

que o fato dele não ser um petista é o seu estilo chique, fiel à linha esportiva de Ives Saint-Laurent. Na quinta-feira passada, quando pediu votos na porta da fábrica Cofap, em Santo André, às cinco horas da manhã, Lula pregava que os outros candidatos estavam dormindo. E, por coincidência, o seu vice também.

O senador Mário Covas, ex-líder do PMDB na Constituinte está literalmente impedido de retornar à campanha do candidato do PSDB, enquanto o vice Roberto Magalhães estiver por perto. O ex-governador de Pernambuco é uma das figuras mais afinadas com o discurso em que Covas pregou "um choque de capitalismo". Há um ano atrás, os dois nomes da chapa serviriam para mostrar o antagonismo existente entre os políticos brasileiros.

Covas tem como consolo o caso do candidato do PFL, Aureliano Chaves, que recebeu por vice um nome de extrema confiança do principal opositor à sua candidatura, o senador Marco Maciel (PE), com quem ele disputou as prévias do partido. Cláudio Lembo, o vice, foi chefe de gabinete do então ministro da Educação, Marco Maciel, ponto alto de uma ligação de muitos anos, iniciada com a criação da Arena, partido que depois virou o PDS. Lembo foi imposto na chapa pelo ex-prefeito de São Paulo, Jânio Quadros, de quem foi Secretário de Negócios na Prefeitura, numa forma pouco sutil de mostrar que ainda tem aspirações de vir a ser ele próprio o candidato do PFL.

Os assessores de Guilherme Afif vêm desempenhando com êxito a missão de esconder o candidato a vice da chapa do PL, Aluisio Pimenta, primeiro-ministro da Cultura do País. Pimenta ficou famoso pela receita de nacionalização que tentou instalar no Brasil, através da troca da Coca-Cola pela cachacinha e do cachorro-quente pela broa de milho. No auge do nacionalismo, quis transformar a festa do dia 7 de setembro em um Carnaval, conseguindo enfurecer os ministros militares mais do que os esquerdistas radicais. Ele se mantém constante com suas idéias, sem ligar para as teorias de Afif sobre o triângulo de ferro — cúpula do governo onde são alimentados todos os males do País — nem nas suas pregações de redução do Estado na economia.

Os candidatos do PDS, Paulo Maluf, do PTB, Affonso Camargo, e do PSD, Ronaldo Caiado, dão a impressão de que foram buscar um vice apenas para atender a legislação. E os vices — Bonifácio de Andrade, José Roberto Faria Lima e Camilo Calazans — demonstram claramente que querem apenas um pouco da luz dos refletores e das ondas do rádio nos programas do TSE. E esta seguramente a forma mais barata de chegar perto do eleitor de seus Estados na eleição do próximo ano. E de ficar na história como protogonistas da primeira eleição presidencial direta depois de 29 anos de escolha restrita a três, dez, vinte nomes ou a um plenário do Congresso Nacional.